

## **A CIDADE CRIATIVA E AS PRÁTICAS DE ESPAÇO DO POÇO DA DRAGA**

**VANESSA PEREIRA PINHEIRO**

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ (UECE)

**ANA SILVIA ROCHA IPIRANGA**

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ (UECE)

**ISABELLA SOUZA COSTA CAVALCANTE**

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ (UECE)

# A CIDADE CRIATIVA E AS PRÁTICAS DE ESPAÇO DO POÇO DA DRAGA

## 1. Introdução

No ano de 2019, a cidade de Fortaleza, capital do Ceará, recebeu a chancela da Organização as Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), como cidade criativa em design. Com esta chancela Fortaleza começa a fazer parte da Rede Global de Cidades Criativas (*Network Creative Cities Network - UCCN*). A UCCN tem como propósito promover uma cooperação internacional entre as cidades que reconhecem a criatividade como um importante instrumento para o desenvolvimento (DE SOUSA; DA SILVA MELLO; COLVARA, 2020).

O Projeto Unesco Fortaleza Cidade Criativa do Design definiu um espaço urbano no qual está sendo organizado o Distrito Criativo de Fortaleza. O recorte desse espaço urbano envolveu os bairros da Praia de Iracema e do Centro da cidade. Os distritos criativos estão se tornando cada vez mais parte integrada do coração artístico, cultural e econômico das cidades. Os negócios criativos que surgem a partir da cultura local dinamizam a vida empreendedora da cidade que acontece nos espaços delimitados pela criatividade (MARQUES; RICHARDS, 2014). Os eixos de atuação do Distrito Criativo de Fortaleza estão sendo articulados por meio de um conjunto de práticas entre governo, universidade e empresa; objetivando a formação de competências criativas; a produção de conhecimento e o fomento à economia criativa; a pesquisa, desenvolvimento e inovação; a difusão da comunicação; o investimento em infraestrutura urbana e o desenvolvimento territorial (FORTALEZA CRIATIVA, 2020).

No perímetro desses espaços urbanos, se destaca a comunidade do Poço da Draga que se situa entre os limites dos bairros da Praia de Iracema e do Centro da cidade, espaços esses onde está sendo organizado o Distrito Criativo de Fortaleza. A comunidade do Poço da Draga conta com 115 anos de história, fazendo parte dos amplos espaços marginalizados à oeste da cidade de Fortaleza. De acordo com o Instituto de Planejamento de Fortaleza (2021), o Poço da Draga possui 34.502 km<sup>2</sup> de território e cerca de 1.026 pessoas vivendo em assentamentos precários na comunidade. Gondim (2008) colocou que a omissão do poder público para a região do Poço da Draga, assume uma postura de “negligência maligna”, pois, historicamente, a comunidade sofre com baixos índices de renda, desemprego, além da falta de investimentos estruturais como de saneamento básico; e quase sempre, enfatiza a autora, toda melhoria que acontece é por meio de práticas organizadas reivindicadas pelos próprios moradores.

Para discutir estas problemáticas urbanas foi articulada a abordagem teórica das práticas, em particular o conceito de “prática de espaço” de Michel de Certeau. Certeau (1994) observa que em uma cidade as práticas de espaço ocorrem como por meio de “uma espécie de cegueira”. O autor coloca que existe uma cidade metafórica que se insinua além da cidade planejada visível e sugere a detecção dessas práticas em relação ao espaço geográfico. Certeau (1994, p.43) ainda adverte que a problemática de uma pesquisa urbana deve focalizar o contexto da “marginalidade de uma maioria”. E nesse contexto, torna-se necessário identificar os tipos de operações, distinguir as maneiras de fazer e desvendar os indicadores de criatividade nestas práticas de espaço, enquanto, maneiras de morar e ou de frequentar um lugar da cidade (CERTEAU, 1994).

Com base nessa discussão, a questão guia que formulamos para esse estudo é: como a comunidade do Poço da Draga está integrada ao organizar da cidade criativa do design? O objetivo desse artigo foi compreender como ocorre a integração da comunidade do Poço da Draga no organizar da cidade criativa do design.

## 2. Fundamentação Teórica

## 2.1 O *practice turn* nos Estudos Organizacionais e as práticas de espaço de Michel de Certeau

Nos últimos anos, o conceito de prática tem sido amplamente trabalhado como uma abordagem nas ciências sociais. A teoria da prática foi primeiramente discutida no final do século XIX e no século XX e ao longo dos anos foi introduzida em contextos da filosofia, teoria cultural, história, sociologia e antropologia (SCHATZKI, 2001). Essa perspectiva fez com que novos questionamentos surgissem para responder problemas relacionados ao dualismo que existe entre a agência e a estrutura, tentando compreender se as ações humanas são influenciadas pela estrutura que se encontram ou se são manifestadas por vontade própria (GIDDENS, 1990). Entre os principais teóricos destacamos Schatzki (2001) que discutiu no seu estudo “*The Practice Turn in Contemporary Theory*” as questões relacionadas a esta virada prática (*practice turn*) nas ciências sociais. As práticas também se tornaram uma teoria promissora para compreender as organizações no contexto das ciências da Administração (SANTOS; SILVEIRA, 2015; DA SILVA, CARRIERI; JUNQUILHO, 2011; OLIVEIRA; CAVEDON, 2013; IPIRANGA; LOPES, 2016; MARINS; IPIRANGA, 2017; BOAS; ICHIKAWA, 2020).

Santos e Silveira (2015) enfatizaram que a discussão sobre as práticas nas ciências sociais e, em particular, na área da Administração nos anos 70, se distanciou das teorizações mais abstratas sobre as organizações, reaproximando aos estudos sobre o campo organizacional e focalizando o que as pessoas de fato fazem em seu cotidiano.

O conceito de prática é amplo e diversificado. Cooper (1976) coloca que a prática pode ser entendida como uma epistemologia, ou seja, uma forma de captar o mundo. Com essa postura, os cientistas sociais deveriam estar mais atentos ao equilíbrio entre a estrutura e o processo para compreender a atividade humana, pois, “por meio do fluxo e do acaso, os eventos coincidem para criar formas” (COOPER, 1976, p. 2).

Schatzki (2001) analisa que os diferentes teóricos da prática estão cada vez mais contribuindo para áreas diversas, e devido esta multiplicidade de propostas, a teoria da prática não possui uma abordagem unificada, contudo: “A maioria dos estudiosos que teorizam as práticas, as concebem, no mínimo, como uma variedade de atividades” (SCHATZKI, 2001, p. 11). Nesse sentido, o autor concorda que o cerne dessa abordagem está na questão de que as práticas são “incorporadas e materializadas com a mediação da variedade da atividade humana” (SCHATZKI, 2001, p. 11). As práticas se configuram como uma estrutura no espaço e tempo, além disso, as ações e atividades se organizam por meio das “regras, estrutura afetiva-teleológica e entendimento geral”, sendo assim, “a prática é uma multiplicidade no espaço-temporal de ações organizadas pela evolução em conjunto dessas dimensões” (SCHATZKI, 2006, p. 2).

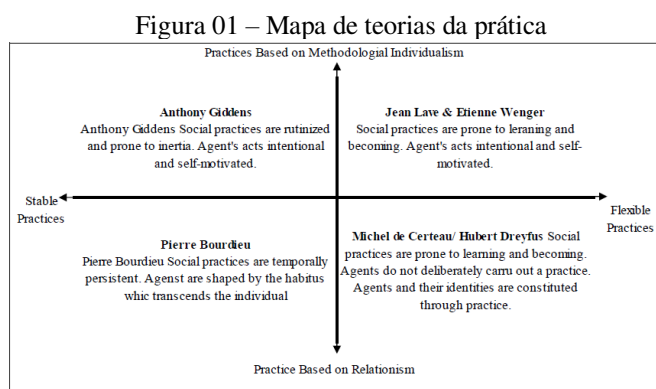
Com a finalidade de distinguir conceitualmente a “prática” das “práticas”, Reckwitz (2002, p. 7) explica que a “prática” é meramente a ação humana, já as “práticas” são comportamentos interligados que formam atividades corporais e mentais que se baseiam em um *know-how* previamente estabelecido. Para o autor, a aproximação dos estudiosos para as práticas é compreendida como uma oportunidade de explorar uma nova teoria para as organizações, onde as ações e atividades humanas são explicadas a partir da reconstrução das estruturas simbólicas por meio das quais os agentes interpretam o mundo (RECKWITZ, 2002).

Gherardi (2009, p. 2) argumentou que as práticas não significam apenas as ações, mas padrões de ações sustentadas, ou seja, as práticas são ao mesmo tempo “uma produção do mundo e o resultado dos processos dessas produções”, contribuindo para a ordem social. As práticas se referem a um fazer coletivo, que produzem e articulam conhecimentos, cujos estudos têm como objetivos, compreender como uma atividade situada pode ser escrutinada em sua prática, ou ainda como um processo de reflexão depois que a prática é exercida (GHERARDI, 2018).

Segundo De Almeida (2018) as práticas realizadas no contexto cotidiano, revelam que a ação perpetuada, demonstra que os atores e consumidores não são meramente passivos em relação aos produtores. Machado-Da-Silva e Fonseca (2005) propuseram uma perspectiva das práticas no contexto do neoinstitucionalismo. A prática institucionalizada é definida como um processo em “equilíbrio provisório e dinâmico: quanto maior for o seu grau de institucionalização, menor a probabilidade de que seja bruscamente modificada”. No entanto, mesmo considerando esta mutabilidade das práticas institucionalizadas, estas podem ser “submetidas à possibilidade de manutenção ou de alteração nos seus aspectos estruturados ou nas ações decorrentes, nos seus aspectos estruturantes” (MACHADO-DA-SILVA; FONSECA, 2005, p. 19).

Segundo Souza-Silva e Schommer (2008, p. 2) as sócio-práticas são consideradas formas alternativas para as práticas de aprendizagem organizacional, “nessa vertente, a compreensão da aprendizagem migra de uma ênfase meramente cognitiva para uma perspectiva sócio laboral”, ou seja, as relações se moldam a partir do engajamento das pessoas em práticas em comum. Da Silva, De Pádua Carrieri e Junquilha (2011) focalizaram as estratégias enquanto práticas e argumentaram que “as práticas e seus significados são construídos pelos próprios sujeitos a partir de contextos, macro ou micro, que fazem parte de seu cotidiano e não do pesquisador”. As estratégias são construídas pelos agentes em um contexto delimitado e que “são manifestados pelos sujeitos a partir de suas inserções nesses mesmos contextos – macro e micro – nos quais constroem suas práticas” (DA SILVA, DE PÁDUA CARRIERI; JUNQUILHO, 2011, p. 2).

A seguir se propõe o esquema de Rasche e Chia (2007) que analisa esta diversidade teórica das práticas, reunindo as quatro principais dimensões que nos guiam pelos diferentes entendimentos sobre as formas e o como as práticas são produzidas, entre estas: (i) o individualismo metodológico e o (ii) relacionalismo, que estão localizados no eixo vertical. No individualismo, o agente da prática é autônomo e intencional, por outro lado, no relacionalismo, o agente é motivado por elementos que influenciam a sua ação como a memória, a história ou a cultura (RASCHE; CHIA, 2007). No eixo horizontal, encontram-se a (iii) estabilidade e (iv) flexibilidade da prática. No eixo da estabilidade, as práticas se constituem como elementos estáticos no contexto social, entretanto, no eixo flexível, as práticas sofrem mudanças no espaço e no tempo (RASCHE; CHIA, 2007).



Fonte: Rasche e Chia (2007, p. 38).

Entre os autores citados por Rasche e Chia (2007) na Figura 1, o presente estudo priorizará o conceito de práticas, segundo Michel de Certeau. De acordo com Rasche e Chia (2007), Michel de Certeau faz parte do quadrante de autores que estudam prática na sua forma relacionalista e flexível.

A inquietação de Certeau (1994, p. 38) para estudar as práticas cotidianas “foi a princípio precisada negativamente pela necessidade de não localizar a diferença cultural nos

grupos que postavam a bandeira da contracultura”. Esses grupos representavam a sociedade em seu comportamento, seja no consumo ou, por exemplo, no uso do espaço urbano (CERTEAU, 1994). Certeau (1994) ainda ressalta que os sistemas de produção impõem seus produtos aos consumidores. No entanto, algumas ações são designadas aos consumidores nesse processo, ações estas astuciosas e dispersas, mas que ao mesmo tempo se insinuam ubiquamente “[...], pois não faz notar com produtos próprios, mas nas maneiras de empregar os produtos impostos por uma ordem econômica dominante” (CERTEAU, 1994, p. 39). Com isso, notamos que a sociedade não se retrai para um sistema que quer impor uma prática que não pertence aos seus consumidores, sendo mais urgente ainda “descobrir como é que uma sociedade inteira não se reduz a ela” (CERTEAU, 1994, p. 41). Certeau (1994) define esses mecanismos que fogem da disciplina como “maneiras de fazer”. De Almeida (2018) também enfatizou estes pontos ao afirmar que os estudos das práticas cotidianas são a demonstração do espaço existente na relação entre as instâncias produtoras, sendo que neste processo, os “consumidores não são dóceis ou passivos em relação aos produtores” (DE ALMEIDA, 2018, p. 36).

As práticas são maneiras de fazer, de falar, de cozinhar e ou por exemplo, de caminhar na cidade. Estes fazeres são formadas pelo conjunto de práticas onde seus “usuários se reproporiam do espaço organizado pelas técnicas de produção sociocultural” (CERTEAU, 1994, p. 41). A relação entre os consumidores e os dispositivos de produção atuam de forma “subversiva” em relação aos produtores no seu determinado espaço, “elas desenham as astúcias de interesses outros e de desejos que não são nem determinados nem captados pelos sistemas onde se desenvolvem” (CERTEAU, 1994, p. 45). Nesse sentido, as práticas são influenciadas e construídas a partir de diversos elementos provindo de emoções, formas de fazer, objetivos específicos e pensamentos que atuam na reorganização, por exemplo, dos espaços, agindo como intervenções no cotidiano (CERTEAU, 1994).

Nesse jogo de manifestações complementares de práticas, Certeau (1994) nos apresenta duas relações principais. A “estratégia” que pode ser entendida como detendo o seu próprio lugar, e se manifesta como uma entidade de força dominante. Para Certeau (1994) a estratégia é “o cálculo das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder é isolável de um ambiente” (CERTEAU, 1994, p. 46). Para Certeau (1994) a nacionalidade política, econômica ou científica foi construída segundo esse modelo. Ao contrário, a “tática” é um “cálculo que não pode contar com um próprio”, esta age e opera de forma flexível, imprevisível. “A tática só tem por lugar o do outro. [...] depende do tempo, vigiando para ‘captar no voo’ possibilidades de ganho. As táticas jogam com as ocasiões” (CERTEAU, 1994, p. 47).

As estratégias e táticas ainda oferecem uma forma de debater uma imposição, portanto, o compreender as “artes de fazer” possibilita observar como elas atuam e o porquê da sua agência, sendo assim, Certeau (1994) propõe refletir sobre o papel do agente não apenas como um ser dominado, pois é esse quem burla a ordem e usa das táticas para se sobrepôr (MACHADO; CHROPACZ; BUKGACOV, 2020). Desse modo, as práticas também são modos de explicar como a vida cotidiana se organiza, elas são conhecidas como “práticas cotidianas” que são formadas por “táticas”, enquanto, “a vitória dos ‘fracos’ sobre o mais ‘forte’, conjunto de ações como “falar, ler, circular, caminhar, fazer compras ou preparar refeições etc.” (CERTEAU, 1994, p. 47). Contudo, as práticas não podem ser individualizadas, elas estão sempre sucedendo dentro das relações entre as estratégias e as táticas, “as práticas não estão presentes num lócus, mas elas configuram as articulações, sendo em seus interstícios o espaço de possibilidades de o cotidiano acontecer” (OLIVEIRA; CAVEDON, 2013, p. 87).

## **2.2 O organizar das práticas de espaço na cidade**

Considerando o objetivo desse trabalho referente ao compreender como ocorre a integração da comunidade do Poço da Draga no organizar da cidade criativa do design,

focalizamos, nesse item, conceitos propostos por Certeau (1994) sobre a sua teoria acerca das transformações espaciais. Ao discutir sobre as “práticas de espaço” em uma cidade, Certeau (1994, p. 159) observa que esses processos ocorrem como por “uma espécie de cegueira”. O autor cita que existe uma cidade metafórica que se insinua além da cidade planejada visível e sugere a detecção dessas práticas em relação ao espaço geográfico de construções visuais.

Certeau (1994) coloca que no século XVI iniciou um processo de transformação do fato urbano em um conceito de cidade, enquanto racionalidade urbanística. Contudo, a identificação da “cidade” com o “conceito” nunca se realizou. A cidade enquanto lugar organizado se estabelece por meio de uma gestão que combina, por um lado, diferenciação e redistribuição das partes funcionais da cidade, e por outro, marginaliza-se aquilo que não é gerido pela administração funcionalista. A organização funcionalista da cidade ao privilegiar o “progresso (o tempo), faz esquecer a sua condição de possibilidade, o próprio espaço, que passa a ser o não pensado de uma tecnologia científica e política. Assim funciona a cidade-conceito” (CERTEAU, 1994, p. 160-161).

Para Certeau (1994, p.162) as cidades, assim como os procedimentos que as organizaram estão se deteriorando. E nesse sentido, o processo de planejamento de uma cidade deve se basear em um pensamento plural, entre poder e articulação que “constituem regulações cotidianas e criatividades sub-reptícias ocultadas” pelos dispositivos do poder. As maneiras de fazer na cidade se constituem, portanto, enquanto práticas por meio das quais os atores se articulam e se “reapropriam do espaço organizado pelas técnicas de produção sociocultural.” (CERTEAU, 1994, p. 41). As “práticas de espaço”, ou seja, as maneiras de morar e ou de frequentar um lugar da cidade, revelam formas específicas de operações, organizando uma outra espacialidade (CERTEAU, 1994, p. 49).

Certeau (1994, p.43) sugere que a problemática da pesquisa urbana deve focalizar o contexto da “marginalidade de uma maioria”. Nesse contexto, Certeau (1994) orienta escrutinar as micro operações, esses modos de proceder astuciosos, que surgem e alteram o funcionamento das estruturas tecnocráticas, e que são articulados pela criatividade dispersa e inventiva de grupos de pessoas que habitam as cidades (CERTEAU, 1994). Torna-se necessário identificar esses tipos de operações, distinguir as maneiras de fazer e desvendar os indicadores de criatividade nestas práticas de apropriação, que são do tipo táticas, ao jogarem com “os acontecimentos para transformar em ocasiões” (CERTEAU, 1994, p. 46).

Estas maneiras de fazer, ao se articularem com os espaços organizados instituídos por meio de uma atividade tenaz e criativa, de ações empreendidas por grupos que não têm um espaço próprio, constituem uma resistência à lei do lugar, pois, se desfazem de uma rede de forças e de legitimações estabelecidas. A captura dessas ocasiões ocorre por meio de “uma arte de golpes, de lances, um prazer em alterar as regras de espaço opressor. Destreza tática e alegria de uma tecnicidade”, com efeitos imprevistos no organizar do espaço (CERTEAU, 1994, p. 74 -75). As práticas de espaço têm a ver com a articulação dessas táticas cotidianas, atuando como “organizadoras de lugares” (CERTEAU, 1994, p. 183). Esse conjunto de ações táticas que exercitam uma arte de fazer astuciosa terminam por articular uma “politização das práticas cotidianas” na cidade (CERTEAU, 1994, p. 44).

Ao discutir sobre as práticas organizadoras de espaço, Certeau (1994, p. 184) distingue o “lugar”, enquanto ordem, onde impera a lei do próprio, indicando estabilidade. E o “espaço” enquanto um “cruzamento de móveis” que leva em conta vetores de direção, velocidade e tempo: “o espaço é o efeito produzido pelas operações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam”, funcionando entre programas conflituais e proximidades contratuais. Ao contrário do lugar, o espaço não tem a estabilidade de um próprio. Nesse contexto, Certeau (1994, p. 184) afirma que “o espaço é um lugar praticado”, onde o urbanismo de uma rua é transformado em um espaço pelos pedestres.

Nos espaços urbanos, Certeau (1994) caracterizou os pedestres como caminhantes ordinários, voyeurs e flâneurs, nas ruas da cidade. Com seus corpos, os caminhantes ordinários iluminam suas maneiras de fazer ao escreverem textos urbanos, baseados em relatos moldados pelas trajetórias que alteram, inventam e praticam os espaços da cidade. Esses espaços produzidos pela prática do lugar se constituem por meio de um sistema de signos, antropológicos e existenciais, relatados pelas ações históricas desses atores que habitam a cidade. Para Certeau (1994) esses relatos se constituem em uma forma de “delinquência social” que consiste em se deslocar das margens para os interstícios de códigos de uma sociedade que não mais oferece alternativas ao alinhamento disciplinar e ou ao desvio ilegal, e por meio dos relatos de quem vive na cidade “o espaço surge de novo como um lugar praticado” (CERTEAU, 1994, p. 198).

### 3 Metodologia

Certeau (1994) sugere que as formas de distinguir as maneiras de fazer, os modos de operação, de se pensar sobre os estilos de ação e de teorizar sobre as práticas, uma multiplicidade de métodos deve ser considerada e aplicada de acordo com procedimentos variados, dependendo ainda do tipo de práticas estudadas. Os procedimentos metodológicos se basearam em uma pesquisa de natureza qualitativa com delineamentos exploratórios, descritivos, documental e bibliográfico (MINAYO; DESLANDES; GOMES, 2016).

No estudo sobre práticas urbanas, Certeau (1994, p. 20) propôs escolher “uma prática observadora e engajada” em um ponto da cidade que se objetiva estudar e determinar a partir daí o seu conjunto. Desta forma, foi escolhido como ponto principal para a análise dessa pesquisa os espaços urbanos envolvidos na implementação do Projeto Unesco Fortaleza Cidade Criativa do Design. Esse espaço urbano delimitado poderá ser observado nas Figuras 2 e 3, envolvendo, portanto, os limites entre a comunidade do Poço da Draga e o Distrito Criativo de Fortaleza que engloba os bairros da Praia de Iracema e do Centro da cidade.

Como será discutido nos próximos itens o Projeto chancelado pela Unesco - Fortaleza Cidade Criativa do Design - está desenvolvendo um conjunto de práticas relacionadas a criação de um Distrito Criativo entre os limites dos bairros da Praia de Iracema e do Centro da cidade. A comunidade do Poço da Draga se situa entre os limites urbanos desses dois bairros da cidade. Considerando o objetivo desse estudo, a questão que se coloca é: como a comunidade do Poço da Draga está integrada ao organizar da cidade criativa do design?

Para a coleta de dados, foram realizados amplos estudos com base em levantamentos efetuados em diferentes fontes e arquivos, como por exemplo, em bases documentais institucionais e jornais antigos e contemporâneos, em sites e diferentes redes sociais, públicas, privadas e governamentais relacionadas: (i) ao Projeto Unesco Fortaleza Cidade Criativa do Design; (ii) à comunidade do Poço da Draga; (iii) e ao Distrito Criativo situado entre os bairros da Praia de Iracema/Centro da cidade de Fortaleza. Foi ainda realizado um estudo bibliográfico com levantamentos de artigos científicos nas principais bases de dados, assim como nos repositórios nacionais de dissertações e teses que foram desenvolvidas tendo como contexto de estudo o Poço da Draga.

Considerando o objetivo desse artigo, foram ainda realizadas entrevistas em um formato aberto e em profundidade. Foram entrevistados os 3 líderes da comunidade do Poço da Draga e um coordenador de um projeto. Devido as condições atuais da pandemia global, os contatos com os entrevistados se deram pela rede social *Instagram*, e logo depois, a entrevista se realizou por meio da plataforma do *Google Meet* e *WhatsApp*.

Por fim, a organização e a análise das informações e dados coletados se deu por meio da Análise Temática, que se constitui em uma das técnicas da abordagem da Análise de Conteúdo (BARDIN, 2004). A análise temática se baseia na identificação de um ou mais temas

ou itens de relevância em uma unidade de codificação previamente determinada de acordo com os objetivos do estudo.

Com base nestes procedimentos, os resultados foram apresentados, segundo as seguintes temáticas: (i) uma breve discussão sobre as práticas de marginalização de espaços urbanos na cidade de Fortaleza; ii) contextualizando a comunidade do Poço da Draga e os seus limites entre os bairros da Praia de Iracema/Centro; iii) uma descrição do Projeto Unesco Fortaleza Cidade Criativa do Design e a criação do Distrito Criativo da cidade; iv) a comunidade do Poço da Draga e o organizar de práticas de espaço na cidade criativa.

## **4 Apresentação dos Resultados e Discussões**

### **4.1 Uma breve discussão sobre as práticas de marginalização de espaços urbanos na cidade de Fortaleza**

O processo de crescimento populacional e estruturação urbana da cidade de Fortaleza, capital do estado brasileiro do Ceará, foi tornando-se cada vez mais visível nos séculos XIX e XX, se intensificando na década de 1970 com o planejamento da Região Metropolitana de Fortaleza (RMF) e pela ampliação da industrialização, modernizando diferentes espaços urbanos (ARAÚJO; CARLEIAL, 2001).

A aglomeração urbana em terras Cearenses se deu pelo processo de redistribuição da população do interior do estado para a capital Fortalezense, uma população branca, indígena e negra que se encontrava à mercê da pobreza, fome, sem-terra, sem trabalho e excluída socialmente que via a capital como fuga de escape para melhores condições de vida (FUNES, 2000). O crescimento e distribuição desigual da população nos espaços urbanos da capital colocou em questão a sua capacidade de acomodar as pessoas de forma digna, empurrando parte da população aos limites da cidade, criando, em consequência as amplas margens urbanas hoje conhecidas.

Segundo Araújo e Carleial (2001) a qualidade e eficácia das políticas públicas relacionadas a estas migrações para a capital apenas intensificou esses processos de marginalizações urbanas e consequentemente as desigualdades de vários tipos, sejam sociais, como econômicas, culturais e espaciais. Além disso, a questão fundiária e os fenômenos da seca e da estiagem na região também contribuíram significativamente para intensificar a prática das migrações do interior do estado do Ceará para a cidade de Fortaleza e amplificar os efeitos das escassas políticas públicas correspondentes a estas ondas migratórias.

Fortaleza não foi capaz de abraçar a sua população de forma abrangente, já que a população ao chegar na cidade era obrigada a se marginalizar, ocasionando a formação de espaços urbanos conhecidos como “favelas” e ou “comunidades”, espaços estes onde sua população não tem condições de acesso aos direitos básicos de vida e moradia. A questão da marginalização urbana é um dos principais problemas das cidades brasileiras. Segundo Almeida (2014), da “periferização das classes não-privilegiadas” que se marginalizam ao se acomodarem ao redor ou longe dos centros urbanos, caracterizam os espaços urbanos carentes que se complementam com os espaços urbanos mais ricos, uma divisão espacial que caracteriza as cidades ditas modernas. Várias questões ligadas a estes processos de marginalização urbana se evidenciam por meio de uma segregação socioespacial, econômica, cultural, entre outras, produzindo níveis marcantes de desigualdades históricas que caracterizam as cidades brasileiras. Nesse contexto, a ausência do estado em oferecer condições mínimas de emprego e moradia leva a intensificação da degradação desses espaços e a busca por condições básicas de vida dos habitantes pelos arredores da cidade (ALMEIDA, 2014).

Estas práticas de marginalização de espaços urbanos historicamente evidenciadas e que caracterizam a cidade de Fortaleza são aqui entendidas como uma forma de captar o mundo, indicando um (des)equilíbrio entre ações e estruturas espaço-temporal interligadas, mediadas



por uma variedade de atividades, sejam estas de seus habitantes, como dos governantes. Estas questões geram uma oportunidade de explorar novas problemáticas relacionadas às organizações urbanas, sobretudo, na compreensão das constituições de ordens sociais para a cidade (COOPER, 1976; SCHATZKI, 2001; 2006; RECKWITZ, 2002; GHERARDI, 2009).

Segundo Machado (2017) a partir da década de 1940 as marginalizações socioespaciais na cidade de Fortaleza começavam a se evidenciar de forma mais incisiva, nessa década já se organizava um espaço urbano central, caracterizado pelos bairros: Aldeota, Meireles, Varjota e parcelas da Praia de Iracema e do Centro, Papicu, Mucuripe, Cocó, Dionísio Torres e Joaquim Távora. Bairros estes da cidade de Fortaleza que até os dias atuais concentram maior poder de renda e emprego gerados. Na visão de De Souza (2006), a marginalização socioespacial em Fortaleza durante o século XX resultou no crescimento de “comunidades” e “favelas” e a sua expansão para os limites ao oeste, que acompanhavam os eixos viários, facilitando o acesso à cidade, e, assim, à proporção que aumentava a população, surgiam novos bairros, ampliando a reorganização de espaços urbanos marginalizados a oeste da cidade.

Além da escassez de políticas públicas para a cidade, esse processo foi significativo, entre outras questões, por causa da mercantilização, valorização e apropriação privada da terra urbana, conjugando verticalização, remoção e marginalização espacial. Como consequência, o território foi cada vez mais sendo ocupado por famílias com maior poder aquisitivo, e as famílias menos desfavorecidas iam sendo afastadas para áreas mais remotas, ampliando as margens urbanas e acirrando conflitos e injustiças socioespaciais na cidade de Fortaleza (MACHADO, 2017).

Historicamente, a maioria dos moradores das “comunidades” e “favelas” de Fortaleza são os imigrantes que vieram do interior do estado buscando uma vida melhor na capital, sobretudo, na época de fortes estiagens, momento este de intensificação dessas ondas migratórias. Esta situação ficou ainda mais sensível porque essas pessoas migravam por causa das altas taxas de desemprego nas cidades onde moravam e por conta da escassez de políticas públicas, como por exemplo, educacionais e de qualificação, com isso o processo de integração à vida urbana da cidade se torna cada vez mais dificultoso (DE SOUZA, 2006). Consoante com a imagem de desigualdades na cidade marcadas entre as suas margens, Oliveira (2018) explica que os espaços urbanos centrais e os marginalizados onde Fortaleza se situa são lugares de conflitos, com territórios sobrepostos e fronteiras socioespaciais fluidas, repletos de proximidades e distanciamentos problemáticos.

Conforme anteriormente colocado, nos estudos sobre as práticas de espaço urbanas, Certeau (1994) orienta escolher “uma prática observadora e engajada” em um ponto da cidade que se objetiva estudar e determinar a partir daí o seu conjunto. Desta forma, foi escolhido como ponto inicial para esta pesquisa os espaços urbanos envolvidos na implementação do Projeto Unesco Fortaleza Cidade Criativa do Design. As fronteiras desse espaço urbano sob estudo se delimitam entre a comunidade do Poço da Draga e o Distrito Criativo de Fortaleza que engloba os bairros da Praia de Iracema e do Centro da Cidade. Observa-se que Certeau (1994) também sugeriu que a problemática da pesquisa urbana deve focalizar o contexto da marginalidade de uma maioria. Nesse sentido e a seguir, o foco da discussão iluminará como a comunidade do Poço da Draga está integrada ao organizar da cidade criativa do design.

#### **4.2 Contextualizando a comunidade do Poço da Draga e os seus limites entre os bairros da Praia de Iracema/Centro da cidade**

Em 1920, o histórico bairro da Praia de Iracema da cidade de Fortaleza era conhecido como Praia do Peixe. O bairro assumiu um importante papel para o início da atividade econômica da cidade de Fortaleza ao acomodar o primeiro porto da cidade. A formação do bairro Praia de Iracema está ligada diretamente ao desenvolvimento da atividade portuária da capital, interligando os espaços urbanos da região do Centro da cidade e da turística região

costeira (COSTA, 2005). Até o ano de 1958 a Praia de Iracema ainda recebia o escoamento da produção de algodão do interior, que era a principal atividade econômica do estado na época (OLIVEIRA, 2018). A Praia de Iracema é um dos menores bairros da cidade de Fortaleza, estando situado nos espaços considerados “nobres” da cidade, entre as ruas João Cordeiro, Monsenhor Tabosa, Almirante Jaceguai, Almirante Tamandaré e Avenida Beira-Mar (BEZERRA, 2008).

Na década de 1950, com a transferência do centro econômico, motivada pela mudança do porto marítimo do bairro da Praia de Iracema para o novo porto construído no bairro do Mucuripe, ocorreu também um movimento migratório da população que trabalhava em torno da atividade econômica portuária da Praia de Iracema indo de encontro ao bairro do Mucuripe, situado ao leste da cidade de Fortaleza. Este processo migratório contribuiu para o esvaziamento dos espaços, casas e edifícios no bairro da Praia de Iracema e parte da região do Centro da cidade. A região do bairro da Praia de Iracema acabou recebendo esta população migrante, com baixo poder aquisitivo, instalando-se nos prédios que foram evacuados, unindo-se com as pessoas que já residiam ali e que buscavam com a proximidade com a região do Centro da cidade e com os espaços costeiros, os meios para sua sobrevivência, através atividade da pesca e do trabalho formal e informal no comércio e na atividade artesanal e ou industrial ainda remanescente (ALMEIDA, 2014).

Os relatos desses movimentos urbanos entre os bairros da cidade e os seus processos de povoação, coadunam com a discussão proposta por Gherardi (2009), quando a autora sublinha que as práticas se referem a um fazer coletivo que produzem conhecimentos e que são ao mesmo tempo uma produção do mundo e o resultado dos processos dessas produções, contribuindo para o estabelecimento de uma ordem social.

Segundo Bessa (2015), historicamente, boa parte dos espaços da orla marítima de Fortaleza foi ocupada pela população migrante, de baixa renda, e grande parte dessa população, ainda hoje, sofre com a precariedade de moradias, assistências básicas e ausência de posse da terra onde habitam. Já no final dos anos 80, o bairro da Praia de Iracema, consolidando sua vocação turística, foi reconhecido como patrimônio histórico e foi qualificado pela Prefeitura de Fortaleza como uma área de Zona Especial (ZE), de interesse urbanístico, sendo estabelecido diretrizes restritivas para o processo de verticalização, no sentido de preservar a paisagem e o casario histórico (COSTA, 2005).

Figura 2 – Áreas ocupadas e ZEIs nos bairros da Praia de Iracema/Centro (2013)



Fonte: Almeida, 2014.

O Poço da Draga que se situa nas vizinhanças entre os bairros da Praia de Iracema e do Centro da cidade é uma comunidade com 114 anos de história. O Poço da Draga margeia o Rio Pajeú que atravessa a cidade de Fortaleza e nos idos anos de 1900, antes da intensificação das grandes migrações do interior do estado, foi ocupado por pescadores artesanais e suas famílias e outros tipos de trabalhadores como os estivadores do porto. Bessa (2015) ajuda a compreender a origem do nome da comunidade Poço da Draga:

“Em história presente em algumas das muitas narrativas de moradores antigos, é possível entender que o “poço” é devido à profundidade do mar próximo à ponte que servia de ancoradouro de embarcações naquele período inicial de ocupação da região e a “draga” é o instrumento de sucção de areia e detritos marítimos presentes nos tempos em que o porto funcionava no local.” (BESSA, 2015, p.33)

Quando a transferência do porto da Praia de Iracema para o Mucuripe foi concluída, o bairro da Praia de Iracema e por consequência o Poço da Draga acabou ficando sem receber os investimentos portuários, mesmo assim, o bairro foi alvo de inúmeros projetos de requalificação e embelezamento implementados pela prefeitura de Fortaleza na década de 1990. O principal objetivo dessas requalificações era tornar o bairro da Praia de Iracema uma vitrine para os turistas, além de transformar a área desgastada em áreas de entretenimento (BEZERRA, 2008). Oliveira (2018) lembra que essas práticas de requalificação se mostraram equivocadas na medida em que as pessoas que utilizavam aquele espaço foram esquecidas. O autor enfatiza que o imaginário da requalificação direciona nosso olhar para a ocupação dessa localidade conforme determinadas gestões projetaram, não respeitando o uso histórico construído por vários grupos sociais que ali sempre habitaram (OLIVEIRA, 2018).

Contudo, os investimentos direcionados para valorização desses espaços urbanos com a criação da Zona Especial e a organização de práticas urbanas de requalificação voltadas para a preservação histórica e cultural por parte do poder público, se evidencia a persistente ocupação de partes dos espaços da região costeira da cidade de Fortaleza por uma população pouco assistida, com baixos índices de renda e emprego, entre estas, a população que habita a comunidade do Poço da Draga, situada nos limites dos bairros da Praia de Iracema/Centro.

Por outro lado, esta persistência da comunidade do Poço da Draga ao permanecer no seu lugar, não obstante as intervenções urbanas do poder público e as demandas do setor privado, se conecta com as discussões propostas por Certeau (1994), relacionadas as maneiras de fazer que se articulam com os espaços organizados instituídos. Estes processos caracterizados por uma resistência à lei do lugar, atua na transformação da comunidade do Poço da Draga em um espaço, um lugar praticado pelos seus moradores.

Para Nogueira (2019) a comunidade do Poço da Draga é um símbolo de resistência e luta em meio aos bairros nobres que foram se formando na orla marítima da cidade de Fortaleza. A comunidade está localizada em um pedaço de espaço urbano, cobiçado pela especulação imobiliária, com latente potencial turístico ainda não totalmente explorado, e que concentra diversos equipamentos culturais e de lazer, tais como o Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, o futuro aquário (ainda em construção), a Caixa Cultural do Ceará, entre outros (FERNANDES, 2014).

De acordo com o Instituto de Planejamento de Fortaleza (2021), o Poço da Draga possui 34.502 km<sup>2</sup> de território e cerca de 1.026 pessoas vivendo em assentamentos precários na comunidade. Apesar de se localizar entre os espaços urbanos mais valorizados e que mais recebem investimentos na cidade de Fortaleza, sofre com o descaso dos órgãos competentes que o “deixam de fora” dos projetos desenvolvidos nos espaços do seu entorno. Dessa forma, sua população vivencia constantes ameaças de remoção, movidas pelo interesse turístico e a forte especulação imobiliária que caracteriza os espaços urbanos da nobre região da orla da cidade de Fortaleza (BEZERRA, 2008).

Alguns dados gerais sobre a comunidade do Poço da Draga demonstrados na Revista do Poço da Draga (2020) revelam que apenas 19% dos seus moradores possuem ensino médio completo e 9,5% não sabem ler ou escrever, e que 33,3% dos moradores não estudam nem trabalham, também que 23,8% das residências habitam 5 moradores e que 71,3% vivem há mais de 10 anos no bairro. Nesse contexto, algumas demandas feitas pela comunidade ao poder público da cidade de Fortaleza, são: participar do Plano Diretor da cidade com o objetivo de mudança da poligonal da ZEIS de 2009, visando integrar outros espaços como a Vila dos

Correios e duas áreas de moradia dos Galdinos; possibilitar usufruir os vários espaços ociosos do entorno da comunidade do Poço do Draga; solicitar a construção de uma creche no complexo do CUCA da Praia de Iracema, de um posto de saúde, assim como da urbanização das ruas internas do Poço da Draga; a legalização predial das casas e moradias da comunidade que os moradores ocupam; a profissionalização das pessoas da comunidade para trabalhar nos restaurantes e hotéis do entorno turístico do Distrito Criativo; recortar áreas para treinamento de calistenia, como academias e exercícios ao ar livre e a promoção de aulas abertas de diferentes modalidades como zumba, *muay-thai*, assim como o ensino de instrumentos musicais; por fim, patrimonializar a histórica “Ponte Metálica” que define os limites dos espaços do Poço da Draga.

Complementando as discussões sobre a “prática observadora e engajada” (CERTEAU, 1994) escolhida para o desenvolvimento desse estudo, a seguir serão descritos os principais objetivos do Projeto Unesco Fortaleza Cidade Criativa do Design, assim como os planos para a criação do Distrito Criativo que irá contemplar os espaços limítrofes entre os bairros da Praia Iracema e do Centro da cidade, onde se situa, também, o Poço da Draga.

### **4.3 Projeto Unesco Fortaleza Cidade Criativa do Design e a criação do Distrito Criativo da cidade**

Em abril de 2019, um grupo de instituições liderado pela Prefeitura Municipal de Fortaleza (PMF) enviou um dossiê à Organização as Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), visando a chancela de Fortaleza como cidade criativa do design. Em julho de 2019, Fortaleza foi chancelada pela Unesco como cidade criativa na categoria “*design*”, integrando a Rede Global de Cidades Criativas (*Network Creative Cities Network - UCCN*). A UCCN tem como propósito promover a cooperação internacional entre as cidades que reconhecem a criatividade como um importante instrumento para o desenvolvimento (DE SOUSA; DA SILVA MELLO; COLVARA, 2020).

Os diversos projetos do dossiê chancelado deverão serem desenvolvidos nos próximos 4 anos (entre 2020-2024), estando comprometidos com o desenvolvimento de um conjunto de ações relacionadas ao estímulo da Economia Criativa na cidade de Fortaleza (MENEZES; IPIRANGA, 2020). Os projetos contemplados no dossiê têm como propósito transformar a cidade de Fortaleza em uma cidade criativa e conectada com as demais cidades criativas da UCCN (FORTALEZA CRIATIVA, 2020).

Um dos projetos definidos no contexto do dossiê “Fortaleza Cidade Criativa do Design” foi a criação de um Distrito Criativo envolvendo os espaços conjugados dos bairros da Praia de Iracema e do Centro da cidade. Segundo, Marques e Richards (2014) os distritos criativos estão tornando-se cada vez mais parte integrada do coração artístico e cultural das cidades, além disso, os negócios criativos que surgem a partir da cultura local fazem parte da vida empreendedora que acontece na cidade. Os eixos de atuação do Distrito Criativo de Fortaleza estão baseados em um conjunto de práticas, entre estas: da articulação entre governo, universidade e empresa; da formação de competências criativas; da produção de conhecimento e fomento sobre a economia criativa; da pesquisa, desenvolvimento e inovação; da difusão da comunicação; do investimento em infraestrutura e do desenvolvimento territorial (FORTALEZA CRIATIVA, 2020).

O perímetro dos espaços urbanos citado pelo projeto da Unesco Fortaleza Cidade Criativa do Design para a instalação do Distrito Criativo englobou os limites entre os bairros da Praia de Iracema e do Centro da cidade, compreendendo 2,9 km<sup>2</sup> de área e com uma população de 15.286 habitantes, conforme figura 3 a seguir.

Figura 3 – Perímetro dos espaços urbanos que constituirão o Distrito Criativo



Fonte: Site Fortaleza Criativa (2020).

Conforme Leitão (2018) os espaços urbanos dos bairros da Praia de Iracema/Centro, onde está sendo instalado o Distrito Criativo, envolvem as comunidades do Poço da Draga, assim como as pequenas comunidades do Morro do Ouro e Graviola. Estas comunidades estão consideradas no Projeto da Unesco Fortaleza Cidade Criativa do Design como Zona Especial de Interesse Social (ZEIS) (FORTALEZA CRIATIVA, 2020). Os espaços urbanos entre os quais será criado o Distrito Criativo se organizam por meio das seguintes práticas de caráter estratégico:

“Ele é composto de 7% de sua área, em Zona Especial de Interesse Social Zeis, que incluem as comunidades do Poço da Draga, Morro do Ouro e Graviola; 17% da área de Zona Especial de Preservação do Patrimônio Histórico-Cultural - ZEPH; e mais da metade do território (55%) é Zona Especial de Dinamização Urbanística e Socioeconômica - Zedus. Esse misto de zonas de interesse contribui diretamente para os objetivos centrais do Distrito Criativo Iracema, que busca aliar o empreendedorismo criativo, com inclusão social, inovação e sustentabilidade” (LEITÃO, 2018, p. 18).

Condizente com suas históricas práticas de resistência, observa-se que a comunidade do Poço da Draga se mantém presente nos planos e espaços urbanos que demarcam limites com os citados bairros da cidade envolvidos na organização do Distrito Criativo da cidade de Fortaleza. Contudo e considerando a questão guia dessa pesquisa, afinal, como a comunidade do Poço da Draga está integrada ao organizar da cidade criativa do design?

#### **4.4 A comunidade do Poço da Draga e o organizar de práticas de espaço na cidade criativa**

A comunidade do Poço da Draga faz parte dos espaços onde será implantado o Distrito Criativo de Fortaleza que está ainda em sua primeira fase de implementação em um processo de planejamento urbano previsto até o ano de 2040, conforme explicita os documentos da Prefeitura de Fortaleza:

“O Plano Fortaleza 2040 e o Programa Rotas Estratégicas propõem a transformação da capital do Ceará em uma cidade criativa, inovadora, inteligente e empreendedora, conectada com as demais cidades criativas do mundo, reconhecida pela sustentabilidade, inovação e diversidade cultural dos seus bens e serviços, assim como pela inclusão produtiva da sua população, especialmente, da sua juventude” (PLANO DE AÇÃO TERRITORIAL, 2018).

De acordo com o Plano de Ação Territorial: Distritos e Cidades Criativas publicado em 2018, a Prefeitura de Fortaleza está liderando esse processo de criação do primeiro Distrito Criativo da cidade de Fortaleza, cujo planejamento, envolverá um conjunto de práticas de estratégias governamentais, entre estas: articulação e produção de conhecimento, mercado, fomento e políticas públicas sobre a economia criativa; desenvolvimento territorial; educação para as

competências criativas; pesquisa & desenvolvimento e inovação de equipamentos criativos; formação empreendedora e estabelecimento de marcos legais; formulação de políticas para a governança do distrito (PLANO DE AÇÃO TERRITORIAL, 2018). Contudo, e na análise desses documentos, os projetos previstos para a comunidade do Poço da Draga envolvem: instalar um container elétrico, visando diminuir a conta de energia de associações locais; instalação de uma área para esporte e lazer; regularização fundiária dos moradores da Zona Especial de Interesse Social; e outros incentivos como a pintura das casas dos moradores.

Conforme alguns autores é sabido que a comunidade sofre com diversos problemas, intensificados devido a escassez de políticas públicas para o espaço onde o Poço da Draga está instalado (OLIVEIRA, 2018). Gondim (2008, p. 102) expõe que a omissão do Poder Público para a comunidade, assume uma postura de “negligência maligna”, pois a comunidade sofre com problemáticas advindas de vários fatores como baixos índices de renda e ou altos índices de desemprego, a falta de saneamento básico, entre outras questões de grande estatura.

Foi realizada uma entrevista com o sócio e fundador do coletivo “Fundo da Caixa” que se localiza no Poço da Draga e que atua por meio do organizar de práticas coletivas diversas junto à comunidade. Em seu depoimento, quando questionado sobre o conhecimento do projeto chancelado pela Unesco e da criação do Distrito Criativo, ele respondeu que não tem conhecimento sobre o assunto, expressando surpresa em relação a este projeto da Unesco, pois: “eu nunca soube que ele existia” (Depoimento da entrevista).

Outra entrevista com o morador, líder comunitário, João (os nomes são fictícios), sendo um dos fundadores do projeto “Composta Poço” que organiza práticas de espaço sustentáveis na gestão dos resíduos orgânicos e compostagem comunitária, respondeu que já ouviu falar sobre o Distrito Criativo, por meio do contato com a Rosa, a representante da Prefeitura de Fortaleza. Segundo o entrevistado “(...) houve um tempo inclusive à época do conselho gestor das ZEIS, bem na época mesmo, ela incentivou muito a gente assim, a gente fez formação sabe, vários encontros, mas a coisa não engatou porque enfim não era o momento de acontecer” (Depoimento da entrevista). Questionado sobre quais tipos de projeto foram mencionados pela Rosa, João respondeu que foi contatado para auxiliar na organização de um Observatório sobre a comunidade do Poço da Draga: “Mas, (...) a Rosa citou esse projeto, mas ela não entrou muito em detalhes” (Depoimento da entrevista) e até hoje este projeto ainda não foi implementado. Outra entrevistada a Isabel, também moradora do Poço da Draga e líder da Ong Velaumar, questionada sobre o seu conhecimento em relação ao projeto do Distrito Criativo, ela respondeu que aconteceram algumas reuniões no ano de 2019, porém enfatizou que não sabe muito bem do que se trata o Distrito Criativo, “Quem entrou em contato conosco foi o pessoal do Observatório, a Rosa (referindo-se ao Observatório da Cidade de Fortaleza do IPLANFOR). Nos conhecemos e aí por conta do IPLANFOR (Instituto ligado a Prefeitura de Fortaleza), que era um espaço onde a gente tinha reuniões por conta das ZEIS (...), a gente chegou nesse distrito (...). Eu não sei muito bem o que significa o distrito criativo” (Depoimento da entrevista). Sérgio, membro do conselho e gestor das ZEIS do Poço da Draga, é um dos líderes comunitário e gestor de alguns projetos voltados para a comunidade, como o “Expresso 110”, “Movimento ProPoço” e “Composta Poço”, que organizam diferentes práticas de espaço, caracterizadas como de pertencimento e de sustentabilidade. Quando interrogado sobre seu conhecimento do Distrito Criativo, Sérgio revelou que conhece esse projeto desde 2016, e que foi convidado por Rosana para a construção de um observatório dentro da comunidade, “Eu já ouvi falar sim, (...) estávamos construindo o observatório do poço da draga, tudo isso era pra ser incluído nesse distrito criativo”.

Por outro lado e conforme pesquisas documentais realizadas, na comunidade do Poço da Draga, estão sendo organizadas diversas práticas de espaço, artístico criativas, educacionais, sustentáveis, históricas, culturais e identitárias, audiovisuais, turísticas e festivas, do tipo, predominante, táticas, demonstrando que a comunidade não é um ator passivo, do olhar distante

em relação às práticas de uma estratégia institucionalizada, referente à gestão da cidade de Fortaleza e as práticas de uma transformação criativa da cidade. Observa-se que a comunidade está atuando no sentido de burlar esta ordem estabelecida, colocando em prática no espaço um conjunto de táticas, criativas, ainda escondidas, sub-reptícias, na tentativa de vencer este sistema sobreposto (CERTEAU, 1994).

Podemos evidenciar alguns dos movimentos táticos, materializados em projetos que se encontram em prática pela ação dos moradores do Poço da Draga: ArteVistas, grupo que realiza práticas relacionadas as atividades culturais e de aprendizagem; Bloco Cai no Poço, práticas festivas relacionadas a organização do bloco de carnaval do Poço da Draga; Coletivo Fundo da Caixa, grupo formado por artistas independentes com o objetivo de promover práticas artísticas e culturais; Composta Poço, projeto de práticas sustentáveis que visa conscientizar a comunidade do Poço da Draga acerca do remanejamento adequado dos resíduos sólidos orgânicos em uma estação comunitária e compostagem; Dragaleria, projeto de práticas artísticas como a fotografia sobre a memória da comunidade do Poço da Draga; Expresso 110, projeto das Estações que organizou um percurso de práticas espaciais onde se exerce a prática de caminhadas a pé de grupos de pessoas, acompanhado por um guia morador, para a visita turística dos lugares de relevância histórica e ligados à identidade do Poço da Draga; Movimento ProPoço, movimento composto por moradores e entusiastas que se interessam pela causa de pertencimento à comunidade do poço da Draga; Poço de Cultura, projeto que visa, a partir de um processo contínuo de práticas de capacitação artística e cultural, desenvolver as potencialidades da comunidade Poço da Draga; Velaumar, ONG que atua com práticas de capacitação profissional e atividades socioeducativas para a população do Poço da Draga. Evidencia-se que nenhuma das práticas de espaço citadas anteriormente estão contempladas no projeto Plano de Ação Territorial (2018) e ou no site oficial da Fortaleza Criativa (2020).

Esse conjunto de práticas de espaço organizadas pela comunidade do Poço da Draga revelam formas específicas de operações, modos de proceder astuciosos, articulados por uma criatividade dispersa e inventiva. Ao focalizarmos o contexto dessa “marginalidade de uma maioria”, distinguimos estas maneiras de fazer e desvendamos as potencialidades criativas nestas práticas, do tipo táticas, confrontando-se, mas também articulando-se com os espaços geridos pelas instituições governamentais ao atuarem como “organizadoras de lugares” (CERTEAU, 1994).

## **5. Considerações finais**

Os resultados discutidos nos itens anteriores evidenciaram um organizar de práticas de espaço criativas, ainda escondidas, sub-reptícias, mas com potencialidade para atuarem na integração da comunidade do Poço da Draga ao Distrito Criativo da Praia de Iracema/Centro da cidade de Fortaleza. Por outro lado, e com base nestas análises é possível pressupor que a racionalidade urbanística que parece prevalecer nas estratégias governamentais relacionadas a implementação do Projeto Unesco Fortaleza Cidade Criativa do Design não estabelece uma clara identificação entre a “cidade” de Fortaleza e o “conceito” que está sendo proposto. Particularmente, a instalação do Distrito Criativo que está sendo planejado nos bairros da Praia de Iracema/Centro da cidade de Fortaleza, parece não reconhecer a pluralidade de práticas criativas que estão sendo organizadas, cotidianamente, pelos moradores da comunidade do Poço da Draga. Estas maneiras de fazer que se constituem como práticas de espaço criativas e que apesar de ainda se manterem ocultadas pelas estratégias dos dispositivos do poder, parece garantir uma (re)apropriação cotidiana dos espaços que (re)surgem como lugares praticados pelos moradores do Poço da Draga. Esse conjunto de ações táticas está articulando uma politização das práticas cotidianas no contexto do Poço da Draga e em relação a Cidade Criativa do Design chancelada pela Unesco.

Prevê-se o aprofundamento dessa pesquisa, sobretudo do estudo empírico, por meio da ampliação das entrevistas, tanto com os atores atuantes nos diferentes espaços urbanos envolvidos, como com os atores das instituições governamentais responsáveis pelos projetos que atuam no organizar da cidade criativa de Fortaleza.

## Referências

- ALMEIDA, André Araújo. **Segregação urbana na contemporaneidade: o caso da Comunidade Poço da Draga na cidade de Fortaleza**. 2015. 259 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, Fortaleza, 2015.
- ARAÚJO, A. M. M.; CARLEIAL, A. N.. O processo de metropolização em Fortaleza: uma interpretação pela imigração. **Scripta Nova. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**, v. 5, 2001.
- BESSA, Edson Alencar Collares de. **O Poço da Draga e a construção do Acquario Ceará**. 2015. 135 f., il. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade de Brasília, Brasília, 2015.
- BEZERRA, Roselane Gomes. **O bairro Praia de Iracema entre o "adeus" e a "boemia": usos, apropriações e representações de um espaço urbano**. 2008. 231f. – Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Sociologia, Fortaleza (CE), 2008.
- CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- COOPER, Robert. The Open Field. **Human Relations**, v. 29, n.11, p. 999-1017, 1976.
- COSTA, Sabrina Studart Fontenele. Praia de Iracema e a revitalização de seu patrimônio histórico. **Pós. Revista do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP**, n. 18, p. 48-59, 2005.
- DA SILVA, A. R. L.; DE PÁDUA CARRIERI, A.; JUNQUILHO, G. S. A estratégia como prática social nas organizações: articulações entre representações sociais, estratégias e táticas cotidianas. **Revista de Administração**, v. 46, n. 2, p. 122-134, 2011.
- DE ALMEIDA, Gabriel Antunes Ferreira. Retórica do caminhar, uma geografia poética/The Rhetoric of Walking, a Poetic Geography. **Aletria: Revista de Estudos de Literatura**, v. 28, n. 3, p. 135-148, 2018.
- DE SOUSA, Marcelo Ferreira; DA SILVA MELLO, Adilson; COLVARA, Lauren Ferreira. Cidades Criativas da Unesco no Brasil: uma pesquisa exploratória sobre o comportamento do poder público na implementação de estratégias e estratégias voltadas à economia da cultura durante a pandemia provocada pela COVID-19. **Revista Ciências Humanas**, v. 13, n. 2, p. 16-27, 2020.
- DE SOUZA, Maria Salete. Segregação socioespacial em Fortaleza. In: **Litoral e Sertão**, 2006, p. 135.
- FERNANDES, Flávia. **A DRAGA E O DRAGÃO: Um estudo sobre a relação entre a Comunidade Poço da Draga e o Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura**. p. il. 2014. Monografia (Curso de Formação de Gestores Culturais dos Estados do Nordeste) – Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.
- FORTALEZA CRIATIVA. **Fortaleza, uma cidade que vive a criatividade**. In: Fortaleza, uma cidade que vive a criatividade. Fortaleza, 2020. Disponível em: <https://www.fortalezacriativa.com/>. Acesso em: 1 maio 2021.
- FUNES, Eurípedes. Negros no Ceará in SOUZA, Simone (org.). **Uma Nova História do Ceará**. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2000.
- GHERARDI, Silvia. Practice? It's a matter of taste!. **Management Learning**, v. 40, n. 5, p. 535-550, 2009.



GHERARDI, Silvia. Practices and knowledges. **Teoria e Prática em Administração (TPA)**, v. 8, n. 2, p. 33-59, 2018.

GONDIM, Linda MP. A favela depois do estatuto da cidade. Novos e velhos dilemas à luz do caso do poço da draga (Fortaleza-CE). **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais (RBEUR)**, v. 10, n. 2, p. 97-114, 2008.

INSTITUTO DE PLANEJAMENTO DE FORTALEZA. **POÇO DA DRAGA: zeis prioritárias. Zeis Prioritárias.** 2021. Disponível em: <https://zonasespeciais.fortaleza.ce.gov.br/zeisp/3>. Acesso em: 12 abr. 2021.

IPIRANGA, A. S. R.; LOPES, L. L. S. O Organizar da Estética Espacial: Uma História Tátil da Praça dos Leões. **Sociedade, Contabilidade e Gestão**, v. 11, n. 3, set/dez., 2016.

LEITÃO, Cláudia. Fortaleza e o seu primeiro Distrito Criativo. **Jornal O Povo**, Fortaleza, 26 fev. 2018. Opinião, p. 18. Disponível em: [https://sapl.fortaleza.ce.leg.br/media/sapl/public/materialegislativa/2018/37845/37845\\_texto\\_integral.pdf](https://sapl.fortaleza.ce.leg.br/media/sapl/public/materialegislativa/2018/37845/37845_texto_integral.pdf). Acesso em: 2 maio 2021.

MACHADO, Eduardo Gomes. Desigualdades e segregações socioespaciais em Fortaleza, Brasil. **O Público e o Privado**, v. 15, n. 30 jul. dez, p. 179-207, 2017.

MACHADO-DA-SILVA, C. L.; FONSECA, V. S. D.; CRUBELLATE, J. M. Estrutura, agência e interpretação: elementos para uma abordagem recursiva do processo de institucionalização. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 9, n. SPE1, p. 9-39, 2005.

MARINS, Simony Rodrigues; IPIRANGA, Ana Silvia Rocha. O organizar ampliado de práticas cotidianas. **Farol-Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade**, v. 4, n. 9, p. 148-204, 2017.

MENEZES, R. A. G; IPIRANGA, A. S. R. **The Cultural Turn and Strategy as Practice Approach: UNESCO Fortaleza Creative City of Design Project.** In: CONGRESSO IBERO-AMERICANO INTERDISCIPLINAR DE ECONOMIA CRITIVA, 2020, Rio de Janeiro.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suelly Ferreira; GOMES, Romeu. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. In: **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 2016. p. 95.

NOGUEIRA, A. M. A. **Possibilidades e desafios de práticas insurgentes: o caso da comunidade Poço da Draga**, Fortaleza, Brasil. 2019. 262 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Design) – Centro de Tecnologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2019.

OLIVEIRA, Bruna Luyza Forte Lima. **Histórias da terra e do mar: narrativas sobre resistência na comunidade Poço da Draga.** 2018.142 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Instituto de Cultura e Arte, Programa de Pós-graduação em Comunicação, Fortaleza, 2018.

OLIVEIRA, J. S.; CAVEDON, N. R. Micropolítica das práticas cotidianas: etnografando uma organização circense. **Revista de Administração de Empresas**, v. 53, n. 2, p. 156-168, 2013.

PLANO DE AÇÃO TERRITORIAL. **Distritos e Cidades Criativas.** Fortaleza, 2018.

RASCHE, A.; CHIA, R. **Strategy practices: what they are (not).** In: EUROPEAN GROUP OF ORGANIZATION STUDIES (EGOS), 23, 2007, Viena.

RECKWITZ, Andreas. Toward a theory of social practices: A development in culturalist theorizing. **European journal of social theory**, v. 5, n. 2, p. 243-263, 2002.

SANTOS, Leonardo Lemos da Silveira; SILVEIRA, Rafael Alcadiyani da. Por uma epistemologia das práticas organizacionais: a contribuição de Theodore Schatzki. **Organizações & Sociedade**, v. 22, n. 72, p. 79-98, 2015.

SCHATZKI, Theodore. Introduction: practice theory. **The practice turn in contemporary theory**, 2001.

SCHATZKI, T. R. On organizations as they happen. **Organization studies**, v. 27, n. 12, p. 1863-1873, 2006.